REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)....	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

24.º Anno — XXIV Volume — N.º 827

20 DE DEZEMBRO DE 1901

Redacção — Atelier de gravura — Administração

Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

OFFICINA DE IMPRESSÃO — RUA NOVA DO LOUREIRO, 25 A 39

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

DR. FERNANDO PEDROSO — FALLECIDO EM 4 DO CORRENTE

Era o dr. Fernando Pedroso um verdadeiro portuguez, um caracter sem mancha. Patriota extreme, de convicções inalteraveis, foi um d'esses raros espiritos em que a alma portugueza parece ter-se refugiado. Vida honrada, palavra honrada, taes foram as d'este venerando ancião, que, ainda pouco antes de fallecer, erguia a sua voz no Congresso Colonial a favor das missões no ultramar, das quaes era purissimo defensor.

O seu unico pensamento era a evangelisação do negro. Quantas vezes o escreveu, redigindo artigos vibrantes no periodico *A Nação*, que o pranteia e que lhe affirmava o logar mais honroso na imprensa, o de seu decano.

Eis um periodo, recortado ao acaso, de um d'esses seus artigos:

«Isto basta para não haver portuguez, por menos crente que seja, o qual não se sinta impellido a prestar todo o seu possivel favor e adhesão á nova obra. Fazer christãos todos os indigenas do Padroado é cumprir um dever tomado por compromisso solemne e obrigatorio; fazer christãos os indigenas das nossas colonias é tambem fazel-os portuguezes, constituindo assim uma força nacional, que, mesmo de longe, nos defendem a independencia, por isso que as boas colonias dão a uma nação pequena as condições de força, trabalho e vida indispensaveis.»

Eis no espelho das suas proprias palavras a formosissima ideia, a que sempre dispensou o vigor e a coragem das suas crenças, a actividade prodigiosa do seu cerebro. E a sinceridade e o denodo, com que elle manejava a penna, revelam-se brilhantemente em cada linha dos seus artigos.

No campo do legitimismo, de que Fernando Pedroso representava a mais acendrada expressão, prestou elle serviços importantes.

Muito novo ainda, cheio das esperanças renascidas com a revolta da Patuleia, desempenhou commissões de confiança, que esteve a ponto de pagar com a liberdade, e talvez com a vida. Passadas as luctas politicas dedicou-se á imprensa, fazendo d'ella o mais augusto sacerdocio. Na Sociedade de Geographia, na Associação dos Jornalistas, prestou sempre dedicadamente o seu auxilio e o seu conselho.

Aos oitenta e quatro annos de edade, o dr. Fernando Maria d'Almeida Pedroso baixou á sepultura, deixando um bello exemplo de abnegação, de vigor de crenças, de integridade de caracter, que bem desejariamos ver imitado.

Descance em paz o nobilissimo cidadão, o portuguez de lei.

CHRONICA OCCIDENTAL

Morreu o pobre Baptista Machado que ultimamente andava por Lisboa, falando sósinho, cheio de nodoas, quasi cego de todo e completamente doido.

Fôra auctor dramatico, fôra jornalista, fôra actor.

Foi n'este ramo d'arte, para que nem sombras de vocação o chamavam, que o conhecemos no theatro de D. Maria.

Com o maior despreso pela ignorancia do publico, quando não sabia os papeis inventava phrases e tal rosario de disparates urdia uns nos outros com a sua lingua de trapos, tão seriamente concluia a fala, que todos julgavam estarem atacados de repentina surdez e ninguem suppunha que na *Leonor Telles*, o Baptista tinha dito coisa do *Severo Torelli* e no *Affonso VI* bocados do *Hamlet*.

Era lhe indifferente. Tambem, quando recitava a valer, a platea o não applaudia.

Ria muito, e era devéras um alegre companheiro.

No jornalismo tornou-se conhecido n'uma secção de

critica, que na *Folha do Povo* assignava *Zaragueta* e em que muitas vezes teve graça.

Foi auctor dramatico muitas vezes feliz. Escreveu dramas populares, comedias e revistas.

Quem o encontrava via-o quasi sempre alegre. Alegre ainda o vimos na cadeia do Limoeiro, quando ali esteve cumprindo sentença por abuso de liberdade de imprensa.

Entretanto essa alegria proveniente de seu genio, nem sempre seria sincera, pois fundas miserias soffreu o pobre Baptista Machado.

Um dia encontrei-o ao fim da calçada de S. Francisco, de chapeo na mão murmurando não sei o quê. Dias depois, no largo da Bibliotheca, perguntou-me onde estava, que não sabia. Contei o caso: attribuiram-o á cegueira. Mas eu achára-lhe não sei que de extranho.

Tinha endoidecido.

E os dias que andou por ahi doido, foram-lhe talvez os melhores da vida.

Julgava-se rico, tão rico que até não podia gastar o que tinha, e punha o dinheiro em deposito no Monte-Pio e já comprava inscripções. Falava, cheio de orgulho, no seu passado de auctor dramatico, nos trezentos e tantos actos que escrevêra, dos quaes nem um só deixára de ser applaudido. Contava a sua estreia, quando todas as senhoras, que estavam essa noite nos camarotes do theatro, tinham descido ao palco para abraçal-o, cheias de enthusiasmo. Ao Visconde de S. Luiz de Braga havia feito entrega da sua ultima peça, um primor! Haviam todos de vel-a.

Um dia recolheram-no no hospital de Rilhafolles, onde ha dois dias adormecem n'um sonho de gloria e de grandeza.

Fazia dó vel-o esfarrapado e a falar da sua riqueza, vel-o na miseria e rodeado de trevas e a falar dos seus triumphos.

Não faria talvez esse mesmo effeito em muitos outros, que haviam de rir-se, ouvindo-lhe os disparates, cortando as falas longas em que se engrandecia para tratar do pintasilgo que trazia n'uma gaiola, debaixo do braço.

Ouviram-o muitos entre gargalhadas, que ha quem tenha completa insensibilidade moral e até faça d'ella um certo alarde, tal qual os fakires o fazem de sua insensibilidade nervosa.

Pena devem elles ter de não poderem em qualquer circo, entre palhaços, trocal-a por alguns cobres. Sempre prestaria para alguma coisa.

E era uma variante a essa atroz semsaboria, que a muitas casas de espectaculo está levando uns homens, que furam os braços, as pernas, dão facadas na barriga, atravessam a lingua com ganchos, tiram os olhos para fóra dos orbitas. E ha quem os applauda com delirio, e houve quem tanto uma gloria assim deslembrasse que, deixando de querer ser um dia um homem, abandonando estudos em que andava, foi para um d'esses colyseus acutilar-se e alfinetar-se.

E' máo gosto.

De todos, fakires, publico, etc., um só tem desculpa: o emprezario.

Considere se seja por que lado fôr um espectaculo d'esses, nem arte, nem graça, nem belleza, nem valor de qualquer especie lhe havemos de encontrar.

Entretanto o exito dos fakires é collossal. Os colyseus enchem-se. O preto quer fava, o emprezario dá fava ao preto. Mas que fava! E os olhos esbogalham-se, os corpos estremecem, ha gente que desmaia, e todos no fim se põem de pé applaudindo com dilirio.

O quê? A graça? a destreza? a força? a coragem? Não. O enorme defeito d'um homem: a insensibilidade.

Se amanhã forem publicas as salas de operação nos hospitaes, cae lá o poder do mundo.

E' certo que por emquanto as outras casas de espectaculo não teem apresentado novidades que sejam muito interessantes, a não ser uma ou outra peça de maior ou menor valor.

Caso falado foi apenas a reapparição da companhia de Sousa Bastos no theatro da Avenida.

Voltou tambem do Brazil o emprezario Celestino, já tratando de organisar nova companhia com a qual deve partir em maio do anno que vem. D'ella fará parte a actriz Angela Pinto com um variadissimo repertorio em todos os generos.

O que é preciso e muito cuidado com aquelles ares tão differentes dos nossos, aquelle calor a que portuguezes não andam costumados e que por vezes exalta as fantasias e lhes não deixa por lá ver as coisas como de cá iam muito ajuizadamente delineadas.

Foi assim que elle deu não se sabe que misteriosa volta aos miolos da actriz Isabel Marques, que d'aqui partira muito tranquillamente escripturada como actriz de operetta e lá, montando a cavallo, enterrou no ginete as esporas e mandou-o para a cabeça d'um toiro. Este cumpriu sua obrigação e a actriz Isabel Marques sentiu calor dobrado. Diz-se que lhe serviu a lição.

Angela Pinto vai obter decerto no Brazil os triumphos que merece. Os brazileiros não são parcos nas ovações que fazem aos que teem verdadeiro valor e não são vulgares artistas com o alto merecimento e variedade de aptidões que collocaram a Angela entre as nossas primeiras actrizes.

Já abriu S. Carlos e os theatros, em competencia, buscarão bater-se com o inimigo.

O tempo muito frio, e desde ha dias chuvoso, não anima muito para a sahida á noite.

Vamos ter um máo Natal, segundo informa o barometro e a teimosia do catavento.

Deixal-o! E' sempre um tempo alegre, tempo de ferias. Chove lá fóra, que importa? Em volta da nossa mesa, estão os nossos rapazes, está a nossa alegria. Depois da missa da meia noite, pode a agua cahir em jorros das biqueiras, temos o conchego da nossa casa, onde não ha de essa noite faltar um só dos nossos filhos.

E' um tempo alegre e que nos traz sempre alegres recordações.

Natal. Anno Bom. Abertura das côrtes. São dias de gala, dias todos entregues á familia.

Depois volta-se ao trabalho. Vêm os politicos para Lisboa. Abrem-se as camaras. A opposição prepara os seus ataques, dispõe os novos canhões contra as couraças do governo.

Vêem então todas as questões velhas, já esquecidas depois das polemicas jornalisticas; vêm as muito modernas, a do cabido de Lamego, a do Banco de Portugal.

E esta realmente a todos interessa, até áquelles que d'ella nada percebem, pois que se fala de banco e isso quer dizer de dinheiro. Ora todos, mais ou menos, a este respeito afinam com as theorias de Mephistopheles: Dinheiro, senhor do mundo!

A palavra *Banco de Portugal* tem para todos não sei que magia. Trata se d'elle, é questão de vida ou morte.

Pois que é a vida para a maior parte senão essa especie de felicidade que lhes dá a nota de vinte mil réis? Que outros ideaes teem senão conseguil-a? Que melhor paixão demonstram senão namoral-a? Não é a lucta pela vida a lucta pelo dinheiro? Não serão pois synonimas as palavras?

Começámos a nossa chronica falando d'um morto, falámos agora da vida, fecharemos a chronica falando de mais tres mortos: o Dr. Martinho Tenreiro, o jornalista Luiz Botelho, o marquez d'Angeja.

O Dr. Martinho Tenreiro, medico distincto, pertenceu ao antigo partido historico e militou depois no partido progressista. Exerceu varios cargos officiaes e foi governador civil de Lisboa. Possuia numerosos amigos e foi homem de afamada probidade e caridade notavel.

Luiz Botelho era um distincto jornalista. Deixa um bom livro — *Farrapos*. Pertencia, ha muito, á redacção do *Primeiro de Janeiro*, a quem enviamos os nossos pezames. Damol-os tambem a seu irmão, o distincto escriptor Abel Botelho.

O marquez d'Angeja, representante d'uma das mais nobres familias de Portugal, homem de muito espirito, por todos estimado, era conhecido de toda Lisboa, pela sua originalidade.

São sempre terriveis estes fins d'anno, estes primeiros frios.

A grippe fez já sua entrada. Todo o ministerio adoeceu ao mesmo tempo.

A chuva continua. Vamos ter um Natal molhado. Deixal-o. Ha de ser alegre, se Deus quizer, um pouco mais que estes ultimos dias.

João da Camara.

O Real Theatro de S. Carlos de Lisboa

(Continuado do numero 8:6)

1898-1899

A epocha lyrica correu muito tranquilla nos primeiros tempos. Os amigos do anterior emprezario, que na ultima estação theatral tanto barulho haviam feito, estiveram durante a actual epocha de 1898-1899, reduzidos á mais completa inacção, e, n'essa apathia foram acompanhados pelo publico até quasi ao fim. Na recita de 5 de março de 1899, porem, alguns espectadores fartos de supportar espectaculos mesquinhos, como, por exemplo, a opera *Pagliacci*, muito curta, apenas addicionada com um acto da opera *Fausto*, ali de corrida, e com pouco esmero, rompeu n'essa noite em estrondosa pateada á empreza; isto porém foi apenas trovoada passageira; os espectaculos continuaram, começando tarde e com grandes intervallos entre os actos, para disfarçar a sua insignificancia.

Uma outra tempestade se levantou na noite de 9 de março, em que se deu a 2.ª recita da opera *Carmen*, em que o publico deu muita pateada e fez troça á dama Montalcino, havendo grande hilaridade no 4.º acto quando ella deu um grito com medo da navalha de D. José. A empreza em vista de tal acolhimento rescindiu a escriptura á *prima donna*.

N'esta epocha de 1898-1899 subiram á sena de S. Carlos tres operas novas; *Werther* e *Saffo*, de Massenet, e *Serrana* de Alfredo Keil.

Estas tres operas, no seu conjuncto, foram bem desempenhadas e agradaram. *Werther* é uma composição de um estylo, completamente diverso do que se encontra nas ruidosas partituras de *Rè di Lahore* e *Erodiade*, do sabio compositor francez; a musica do *Werther* é de um estylo simples e melancolico, como o pede o assumpto extrahido do romance de Goethe, e trabalhado com o primor caracteristico de Massenet.

A *Serrana* de Keil agradou muitissimo. É a terceira opera que d'este distincto maestro portuguez tem subido á scena de S. Carlos. O libreto, composto pelo illustre poeta e dramaturgo portuguez Henrique Lopes de Mendonça, é genuinamente nacional, reproduzindo episodios e costumes da Beira; foi traduzido em italiano por Cesare Ferréal. A opera é abundante em coros, e canções com motivos nacionaes, de estylo popular.

Na primeira noite o maestro recebeu muitas corôas, *bouquets* e dadivas. Alfredo Keil, distincto pintor, offereceu ao maestro Campanini, director da orchestra, e aos artistas que representaram a opera, como dadivas, aguarellas representando respectivamente cada um dos interpretes, pintadas pelo auctor da opera.

Continuou a falta de danças. A unica 1.ª bailarina Ines Caldi só debutou em 18 de fevereiro, quasi dois mezes depois da abertura do theatro, e apenas para figurar nos bailados das operas!— Por não haver danças, e algumas operas terem só um ou dois actos, houve recitas de verdadeira mesquinhez.

Uma companhia de cantores portuguezes, dama Isabel Gomes, e tenor José Rentini, barytonos D. Francisco de Sousa Coutinho e Santos, e baixo Lima, desempenharam no theatro D. Amelia, a opera *Pagliacci*, de Leoncavallo e o 5.º acto do *Fausto* de Gounod, cantando Annita Italiano a aria das joias do 2.º acto d'esta ultima opera, em 29 de abril de 1899; no dia 30 do mesmo mez deu-se a opera *Pagliacci*, de Leoncavallo e o 1.º acto da opera *Falstaff*, de Verdi, por Sousa Coutinho, Rentini, Santos e Lima; no dia 3 de maio deu se a opera *Pagliacci*, o 1.º acto do *Falstaff*, a aria das joias do *Fausto*, e a aria de *Falstaff* por Sousa Coutinho.

No mez de junho seguinte, no theatro do Colyseu dos Recreios, o barytono portuguez D. Francisco de Sousa Coutinho cantou juntamente com a companhia italiana, as operas *Pagliacci*, de Leoncavallo, e *Rigoletto* de Verdi.

No dia 17 de agosto de 1899, debutou no theatro do Colyseu dos Recreios, na opera *Cavalleria rusticana*, de Mascagni, a cantora portugueza Isaura Callado.

(Continúa) *F. da Fonseca Benevides.*

O INSTITUTO «LAURO SODRÉ»

Com respeito a este Instituto, imprimiu agora o sr. João Ribeiro Christino da Silva, nosso presado amigo e antigo collaborador artistico do OCCIDENTE, um folheto que intitulou *Secção Industrial do Instituto «Lauro Sodré», Relatorio do anno lectivo de 1900*, do qual distribuiu limitado numero de exemplares por seus amigos e de que fomos um dos contemplados.

E' este um documento honroso para o sr. Christino da Silva, pois que mostra bem a competencia do distincto professor da *Escola Marquez de Pombal* e antigo director da *Escola de Desenho Industrial de Leiria e da Batalha*.

Foi em setembro de 1899 que o sr. Christino da Silva firmou contracto com o governo do Estado do Pará para dirigir a secção industrial e exercer o cargo de professor de desenho no *Instituto «Lauro Sodré»*, estabelecimento de ensino que aquelle governo vinha de reorganisar com toda a grandeza e em que pretendia desenvolver o ensino industrial e agricola dotando-o com escolas e officinas praticas, para o que mandára á Europa contratar professores e mestres.

E' assim que o sr. Christino da Silva descreve a sua chegada ao Pará e o *Instituto «Lauro Sodré»*:

«O Governador do Estado Ex.mo Sr. Dr. José Paes de Carvalho, acompanhado pelo professor Sr. Correia Mendes, teve a gentileza de ir buscar-nos a bordo; encontrámo-nos porém no trapiche da C.ª Amazonica e em seguida acompanharam-

nos ao Marco da Legua, delicioso local, onde se ergue o grandioso edificio do *Instituto «Lauro Sodré»*, distante seis kilometros da cidade: no alto da escadaria os educandos formados, tendo á frente o seu director geral Ex.^mo Sr. Ernesto Mattozo Maia Forte, e mais pessoal, esperavam-nos e n'essa occasião a banda d'alumnos saudou o chefe do Estado com o hymno brazileiro e cumprimentou os portuguezes, tocando o hymno da Carta, delicada attenção do digno director, que nos recebeu primorosamente e nos installou em aposentos já preparados no Instituto.

Continha este cerca de 370 educandos internos, variando as idades entre 6 a 18 annos, na maioria orphãos; as accomodações do edificio eram excellentes, taes como dormitorios, refeitorio, salas de estudo e diversas dependencias; ministrava-se ensino primario aos internos de menos idade, e em duas secções, uma agricola, outra industrial seguiam os adultos diversos cursos, uns de agricultura e animaes, outros de officios: os exercicios do anno lectivo tinham começo em 15 de Janeiro com abertura solemne e distribuição de premios aos alumnos mais distinctos do anno anterior e finalisavam em Outubro, seguindo-se as férias.

No Instituto leccionavam numerosos professores, uns os cursos primarios, outros os scientificos; por minha parte regi a cadeira de desenho elementar e de ornato, com uma frequencia media de 50 alumnos: alem dos professores especiaes, dois regentes agricolas e diversos mestres ministravam o ensino pratico aos varios cursos profissionaes.

Na grande cerca do Instituto, de area superior a 12 hectares, na maioria floresta, elevavam-se diversas edificações, de um lado o posto zootechnico para aperfeiçoamento de raças animaes, a leitaria e queijaria; os curraes de gado; ao outro lado as officinas, habitações e a grande horta para abastecimento; ao fundo, a uns 600 metros, estabeleceu-se o campo de estudo de culturas agricolas, especialmente regionaes, taes como inhâme, maniva, mandioca, variedades de canna de assucar, etc.; diversas palmeiras, coqueiros, e numerosissimas arvores enredadas de cipós e parasitas, variando as alturas entre 30 e 50 metros, davam áquelle recinto o aspecto cheio de magestade e belleza grandiosa das paizagens inter-tropicaes.

Todos estes serviços estavam, ao tempo da minha chegada, em começo e o proprio edificio do Instituto faltava ainda completal-o; mas foi-se ultimando, achando-se quasi tudo terminado á epoca da minha retirada: trabalhava sempre numeroso grupo de *derrubadôres e destocadôres* de arvores, para preparar os terrenos e grande porção de operarios occupavam-se nos serviços de construcção dos diversos edificios.»

A estada do sr. Christino da Silva no Pará foi apenas de 15 mezes, tempo, sem duvida, limitadissimo para dar todo o desenvolvimento necessario ao ensino nas variadas e multiplas ramificações de um estabelecimento d'aquella ordem; entretanto pela leitura do relatorio vê-se quanto aproveitou o tempo, pois não só conseguiu organisar a maior parte das officinas ou escolas profissionaes, mas algumas entraram em laboração produzindo trabalho apreciavel. Em o numero d'estas podem-se contar as officinas de sapateiro, alfayate, carpinteiro de moldes e torneiro, de marceneiro e entalhador, funileiro, serralharia mechanica, encadernador, etc.

O estado financeiro do governo do Pará, não permittiu que o *Instituto «Lauro Sodré»* proseguisse no desenvolvimento que o mesmo governo lhe quizera dar, tendo que rescindir amigavelmente a maior parte dos contractos com os professores estrangeiros e em o numero d'estes entrou o sr. Christino da Silva.

É do theor seguinte o officio que o director geral do *Instituto «Lauro Sodré»* dirigiu ao sr. Christino da Silva por occasião de rescindir o seu contracto:

N.º 744. — Directoria Geral do Instituto «Lauro Sodre». — Belem, 20 de Fevereiro de 1901. — *Sr. João Ribeiro Christino da Silva:*

Satisfazendo ao que solicitaste a esta Directoria Geral, cumpre-me attestar que a rescisão amigavel do vosso contracto com o Governo do Estado, como Director da Secção Industrial e professor da 1.ª cadeira de desenho d'este Instituto, só vos foi proposta pelas precarias circumstancias em que se acham as finanças do Estado, forçando S. Ex.ª o Sr. Dr. Governador, bem a seu pezar, a fazer as mais severas economias, supprimindo cursos e empregos em todos os ramos da administração.

Ao despedir-me do companheiro, que sempre correctamente auxiliou-me na ardua tarefa de dirigir este grande estabelecimento de ensino profissional, é-me grato testemunhar e agradecer n'este publico documento os valiosos serviços que prestou a este Instituto.

Aproveito a opportunidade para reiterar-vos os meus protestos de consideração e estima.

Saude e Fraternidade.

Ernesto Mattoso, Director Geral.

«Assim terminou,—diz o sr. Christino da Silva— a missão de ensino a que me dedicára e com tão bons auspicios iniciada; retirei-me ficando com excellentes recordações do Instituto «Lauro Sodré», pela boa camaradagem e amisade que me dedicavam os meus estimados collegas, pessoal subordinado e os pequenos educandos sempre tão promptos em me ser agradaveis.

Do Pará, d'aquella vasta região tão diversa da nossa pelo deslumbrante céo, pelos magestosos rios, pelas portentosas florestas, pelas coloridas flôres, ficou-me indelevelmente impressionada a imaginação; da pittoresca habitação em que residi a maior parte do tempo, na cerca da qual vecejavam coloridos tájás, rodeada de jerubebas e imbabúas, e mais distante da floresta onde aves diversas faziam ouvir extranhos cantos, é agradavel ao meu pensamento o relembral-a, a ella se liga a recordação do cordeal convivio que sempre reinou entre aquelles que a collaboração do ensino dos educandos do Instituto «Lauro Sodré» fizera ali reunir; por vezes n'aquella minha vivenda nos juntavamos em aprazivel conversa, após os trabalhos do dia, por aquelles lindissimos fins de tarde, ou n'essas maravilhosas noites em que o luar dava effeitos de magica á payzagem paraense.»

METEOROLOGIA POPULAR

PARTE I

A meteorologia do globo terrestre

VII

A previsão do tempo

É este um dos pontos mais difficeis de toda a meteorologia, embora haja muitas leis quasi que infalliveis, e que permittem observar com alguns dias de antecedencia, o estado provavel do tempo.

As variações do tempo teem como principal elemento, as baixas barometricas. No nosso clima, esta começa, em geral, a manifestar-se do lado do SW ou NW. É, por isso, que nos bolhetins do observatorio D. Luiz, se tem sempre em conta, para o tempo provavel em Lisboa, o estado geral do tempo nos Açores, ou na Irlanda, dois ou tres dias antes. A baixa barometrica accentua-se primeiramente na zona mais perto do local onde existe a depressão, seguindo uma marcha gradual até attingir a nossa costa.

Apenas se manifestar uma baixa lenta no barometro, conhecida a existencia de depressão nos Açores ou na Irlanda é de prever o máu tempo, no nosso paiz.

Em geral, uma mudança de tempo é annunciada pela presença de nuvens *cirrus* que se accumulam no céu, formando em torno do sol ou da lua, os *halos*, de que já nos occupámos. A pouco e pouco estas nuvens transformam-se em *cumulus cirrus*, primeiramente transparentes, em seguida, vão successivamente baixando e tornando-se densas, occupando todo o horizonte e tingindo-o de uma côr acinzentada. A humidade do ar augmenta successivamente, n'essas occasiões, e a tal ponto que, muitas vezes, se encontra o solo completamente molhado sem que tenha chovido. A pouco e pouco, apparecem os *nimbus*, e então, a chuva, manifesta-se, por gottas pequenas, que successivamente engrossam.

Se a baixa barometrica é muito lenta e pouco perceptivel, o centro de depressão póde passar longe da nossa costa, e o céu estar nublado, sem chuva.—Neste caso, a baixa do barometro é pouco sensivel, notando-se, em seguida, tendencia para o estacionamento.

Com o barometro alto, a chuva é pouco provavel. O bom tempo persistirá com temperatura tanto mais baixa, quanto maior fôr a pressão. Por esse motivo é que, em geral, a altura barometrica é maior de inverno de que de verão. Uma area de pressões egual a 760 millimetros, póde indicar, no verão, tempo fixo, emquanto que, no inverno, não dá probabilidade de bom tempo.

No emtanto póde muitas vezes chover ou o tempo conservar-se brusco, embora o barometro esteja alto. Este facto indica apenas a existencia de uma depressão muito secundaria, perto do nosso paiz. As depressões secundarias ou de pequeno gradiente são aquellas nas quaes o barometro accusa apenas uma insignificante baixa, quasi que imperceptivel — São, sobretudo, no verão, que estas se apresentam no nosso clima.

Não confundir o *gradiente* de uma depressão com a *area*. Uma depressão póde ter pequeno gradiente e grande area, ou vice versa.

O *gradiente* é a baixa barometrica que a depressão póde occasionar; a *area*, é a extensão d'esse gradiente.

Quanto maior fôr a area da depressão, maior é a probabilidade da persistencia do máu tempo, em um dado ponto. Outro tanto, não succede com o gradiente. — Embora este seja grande, se a sua area fôr pequena, póde facilmente, manifestar-se uma alta barometrica mais ou menos rapida e, por conseguinte, uma tendencia para o bom tempo.

Pela relação entre a altura barometrica e a temperatura, podemos egualmente tirar conclusões ácerca da previsão do tempo. Em geral, no nosso clima, durante o verão, os maximos calores observam-se com pressões oscillando entre 760 a 763^mm — (reduzidas a 0°) — Quando o barometro se encontrar a um nivel superior a este, é provavel o tempo mais fresco — No inverno, os maximos frios observam-se, quasi sempre com pressões superiores a 775^mm —, e tanto maiores quanto maior fôr esta altura — D'aqui, o facilmente podermos calcular, a temperatura provavel n'um dado dia pela simples leitura do barometro. — É, no entanto, para notar que, durante o inverno, em occasiões de nevadas as quaes, em Lisboa, se reduzem a um céu pardacento, e, quando muito, uma chuva finissima e persistente do NE., a altura barometrica é sempre inferior á normal (entre 760 e 755^mm—). A pressão n'estas occasiões, é em geral, estacionaria.

— A influencia da lua é manifesta. É assim que as luas novas são quasi sempre acompanhadas de chuvas, assim como os minguantes, emquanto que, nas outras phases, é mais frequente o bom tempo, com frios no inverno, e calores, no verão — Na occasião de mudança de phase, nota-se muitas vezes perturbações atmosphericas, por isso denominadas *rumores da lua*.

— Ainda mais prognosticos quasi que infalliveis:

1.º Quando o sol se esconde no meio de nuvens que apparecem no horizonte (stratus), é provavel a chuva.

2.º A grande transparencia da atmosphera, denuncia tambem, chuva.

3.º A grande humidade.

4.º Nevoeiros que se elevam na atmosphera.

5.º Nuvens caminhando em sentido contrario á direcção do vento predominante á superficie do solo.

6.º Dois ou mais ventos de direcção opposta.

7.º Um céu pedrento.

São prognosticos de bom tempo!

1.º Nevoeiros que seguem immediatamente ao máu tempo e que se dissipam, á maneira que o sol tende para o zenith.

2.º Pequenas nuvens acompanhadas de brizas moderadas.

3.º Alta sensivel de temperatura, no verão, ou baixa rapida no inverno.

A agitação no mar, com bom tempo annuncia chuva proxima.

A serenidade do mar, com máu tempo, annuncia variabilidade.

As trovoadas locaes acompanhadas de chuva não indicam mau tempo. São factos accidentaes, devido ao excessivo aquecimento do solo pelos raios solares. Observam-se em geral, sob uma area de pressões muito eguaes, n'uma zona bastante extensa. A depressão não se manifesta, e no emtanto, a trovoada apparece.

As chuvas de trovoada são, em geral locaes e não geraes. Assim, póde chover no logar em que estamos, e a um kilometro de distancia, brilhar o sol. As nuvens de trovoada distinguem-se das outras, pela sua coloração caracteristica — O céu acha-se por assim dizer, cheio de nuvens esfarrapadas, córadas diversamente, ou replecto de *cumulus*, de contornos bem definidos, mas que, na occasião de trovoadas se desformam, como que parecendo derreterem-se.

— Os hygrometros tambem nos podem fornecer elementos importantes sobre o estado do tempo. Se estes sobem, o bom tempo é provavel; se descem, como a humidade augmenta, o máu tempo accentua-se.

O Real Theatro de S. Carlos

SCENAS E PERSONAGENS DA «SERRANA» — OPERA DO. SR. ALFREDO KEIL

No entanto, se um vento humido encontrar a atmosphera quente e secca, póde não haver chuva. É, por isso, que, no verão, pouco chove, embora o vento seja do S. ou SW., se este fôr de duração pequena. Persistindo, porém, é natural que alguma chuva caia, embora com pouca intensidade.

— Pelos movimentos da agulha magnetica podem-se tirar, egualmente, conclusões ácerca da previsão do tempo. Quando os movimentos são irregulares, indicam sempre, com antecedencia, a approximação de uma borrasca ou ventos humidos — Se os movimentos são regulares, o bom tempo deve persistir.

— A leitura do thermometro dá-nos egualmente um meio para calcular o tempo provavel. Depois de uma serie de dias frios e seccos, uma grande alta thermometrica annuncia máu tempo. O contrario succede durante o verão.

— São, no entanto, os barometros, os instrumentos mais sensiveis.

A baixa barometrica é rapida e constante até principiar a chuva. Quanto maior fôr o tempo decorrido entre o principio da chuva, e a baixa do barometro, mais profunda é, em geral, a depressão. A chuva que cahe apenas se manifeste a depressão barometrica é quasi sempre pouco duradoura. Apenas começa a chuva, observa-se uma pequena tendencia para a alta, na columna barometrica, a qual poderá persistir se a depressão tende a desapparecer, ou ser substituida por uma nova baixa, se esta se aprofundar mais. Durante o regimen de uma depressão observam-se maximos e minimos na queda das chuvas. Estas são, em geral, mais frequentes desde o nascer do sol, até ás 9 horas da manhã, diminuindo, em seguida, de intensidade até cerca das 3 horas da tarde, hora em que de novo, augmentam. Das 4 horas da tarde até cerca das 9 horas da noute chove quasi sempre copiosamente, n'um regimen de mau tempo. A partir d'essa hora diminuem de novo, tornando-se menos intensas entre essa hora e as 3 horas da manhã, hora a que se reproduzem os factos, de uma forma analoga a que deixámos dito, durante o dia. Em occasiões de depressão, não são notados os maximos e minimos na columna barometrica com a regularidade egual á que citámos quando n'um regimen anti-cyclonico.

Denomina-se regimen anti-cyclonico o regimen de altas pressões observado n'uma dada zona, a qual nos é indicada, assim como a zona das depressões, pelo traçado das *isobaras*.

A marcha de um regimen anti-cyclonico é perfeitamente semelhante ao das depressões, isto é, vae-se manifestando primeiramente nos locaes onde a depressão deixou de existir, seguindo uma marcha regular e gradual. D'esta forma, se poderá egualmente prevêr o bom tempo n'um dado ponto, como se pode prevêr um regimen de mau tempo, examinando o traçado das isobaras.

O fim da depressão é annunciado por uma alta importante do barometro e mudança na direcção do vento. No nosso paiz, é, em geral, a passagem para o NW, do vento que soprava do S. ou SW., para em seguida rodar ao N., com vento rijo e forte, denominado *nortada* que limpa a atmosphera, e estacionar no *NE.*

INSTITUTO «LAURO SODRÉ»

HABITAÇÃO DO D[illegible]TOR DA SECÇÃO INDUSTRIAL

(Desenho [illegible] sr. J. R. Christino da Silva)

Se uma depressão é [illegible] uma outra, a alta barometrica é interrompida e seguida de outra [illegible], mai[illegible] ou menos pronunciada, consoante o seu gradiente, e então, o v[illegible] [illegible]ava já do NW., vira de novo ao SW.

Se a depressão vem do [illegible], o v[illegible] sopra d'este quadrante, e o seu fim é anunciado pela tendencia qu[illegible] [illegible]to tem a dirigir-se para o quadrante E, e estacionar no *NE.*, [illegible] pelos outros quadrantes.

São, em gerai, depre[illegible] passageiras e de menor gradiente, mas que são quasi sempre prec[illegible] trovoadas, e chuvas torrenciaes.

Se o vento, porém, [illegible]ir entre o SE. e SW., durante algum tempo, a variação dos ventos, é, [illegible] a seguinte: SE-SW-W-NW-N e finalmente NE.

— Em virtude da [illegible] communicações telegraphicas, o nosso observatorio está sempr[illegible] da marcha das depressões, em logares longiquos, com dois [illegible] [illegible]e antecedencia, o que lhe permitte fazer avisos previos sobre o [illegible].

Estes avisos são aff[illegible] [illegible]ostos que os transmittem aos navios, por signaes collocados na [illegible]ior de um mastro, situado em logar vizivel de todos os pontos da [illegible].

INSTITUTO «LAURO SODRÉ» — FACHADA PRINCIPAL

(Copia de photographia do sr. Paulo Maria Lacombe)

Os signaes, de dia, constam de uma pyramide conica de base recta e um cylindro, egualmente recto, de lona pintado, de preto.

A pyramide com o vertice para cima, indica probabilidade dos ventos do NW. a SE., e com o vertice para baixo, do SE. a NW. O primeiro signal é denominado numero 1, e o segundo, numero 2.

Durante a noite, os signaes são constituidos por tres pharoes vermelhos, dispostos em triangulo equilatero sobre vergas de um metro de comprido, o vertice do triangulo acha-se na parte superior, se o vento provavel é do NW., e, na parte inferior se é de SE.

Adagios referentes a cada um dos mezes

JANEIRO

Janeiro molhado,
Se não é bom para o pão
Não é mau para o gado

Em mingoante de Janeiro
Corta madeiro

Dia de S. Vicente
Toda a agua é quente

INSTITUTO «LAURO SODRÉ» — AVENIDA PAES DE CARVALHO

(Copia de um quadro do sr. J. R. Christino da Silva)

FEVEREIRO

Quando a Candelaria chora,
O inverno está fóra,
Quando a Candelaria esta a rir,
O inverno está por vir.

Agua de Fevereiro
Mata o onzeneiro

Em dia de S. Mathias
Começam as enxertias

MARÇO

Agua de Março
Peior é que nodoa no panno

Março, marcagão,
De manhã, rosto de cão
A' tarde, cara de verão

Sol de Março
Queima a dama no paço

ABRIL

Abril frio
Pão e vinho

Abril frio e molhado
Enche o celleiro e farta o gado

Em Abril
Aguas mil

Uma agua de Maio
E tres de Abril
Valem por mil

MAIO

Chuvinha da Ascensão
Dá palhinhas e dá pão

Maio pardo
Faz o pão grado
Maio pardo
Junho claro

JUNHO

Chuva de S. Jão
Tira vinho e azeite
E não dá pão

JULHO

Por Santa Marinha
Vae ver a vinha,
E qual a achares
Qual a vindima

Em dia de S. Thiago
Vae á vinha, acharás bago

AGOSTO

Primeiro de Agosto
Primeiro de inverno

Em dia de S. Lourenço
Vae á vinha. Encherás o lenço.

Quando chover em Agosto
Não mettas teu dinheiro em mosto

SETEMBRO

Ou secca ás fontes
Ou leva as pontes

Por S. Matheus
Pega nos bois
E lavra com Deus

OUTUBRO

Por Santa Iria
Pega nos bois e semeia

Por S. Simão e S. Judas
Colhidas são as uvas

NOVEMBRO

Dos Santos ao Natal
Inverno natural

DEZEMBRO

Por S. Martinho
Prova o teu vinho

O Natal ao soalhar
A Paschoa ao luar

Natal na praça
Paschoa em caza

OUTROS ADAGIOS

Lua com circo
Agua traz no pico

Lua nova trovejada
Trinta dias é molhada

Manhã ruiva
Ou vento ou chuva

Nevoa em alto
Agua em baixo

Branca geada
Mensageira de agua

Grande calma
Signal de agua

Alto mar e não de vento
Não promette seguro tempo

(Continua) *Antonio A. O. Machado.*

UM BOM RAPAZ

POR

Biornstierne Biornson

Á MUITO ILLUSTRE
SR.ª MARIT KNASDATTER

«Muito obrigado pela sua carta, que li e queimei, como mandava. Escreveu-me, mas nada me disse do que eu desejaria ler. Tambem eu não me atrevo a dizer-lhe muita coisa... A carta do mestre-escola nada de novo me diz que me dê confiança. Faz-lhe grandes elogios, mas diz-me que é voluvel. Não sei o que hei de crer e nada saberei até que torne a escrever-me. Lembra-me agora tudo o que me disse nas ribas, quando me veiu procurar n'aquella ultima noite. Adeus.

«Eyvind.»

«A EYVIND PLADSEN
«NA ESCOLA DE AGRICULTURA

«O mestre-escola cá me entregou outra carta sua. Não entendo nada do que n'ella me diz, sr. Pladsen. Quer saber como vou? Vou muito bem. Como com apetite, especialmente a sopa. De noite durmo bem e de dia, ás vezes. Dancei muito este inverno. Vou á egreja, quando não ha muita neve, mas este anno houve muita. Agora que já sabe tudo, se ainda alguma coisa o atormenta, não tem mais do que tornar a escrever-me.

Marit.»

A' MUITO ILLUSTRE
SR.ª MARIT KNASDATTER

«Recebi a sua carta. Não julgue que continúo sendo aquelle pequeno que, ao vel-a dançando com João Hatlen, se poz a chorar. Já me não pareço com aquelles cãesinhos felpudos muito mansos, que lambem a mão de quem lhes bate. A sua carta é divertida, mas brincadeiras d'essas não me agradam. Percebeu muito bem tudo o que lhe eu pedia, mas finge que não percebe.

«Adeus, Marit Knasdatter. Queira Deus que continue dormindo e comendo bem. Acabe de tecer a sua linda tela e veja se cria forças para afastar a neve que não a deixa ir á egreja.

Eyvind.»

«A EYVIND PLADSEN
NA ESCOLA DE AGRICULTURA

«Mau grado a fraqueza da minha vista e das dôres provenientes do meu antigo ferimento, tenho que ceder ás importunações da mocidade, que, a nós velhos, se nos deita nos braços, quando afflicta, para mal se apanhar servida, nos virar costas. Agora é a Marit quem me atormenta para que eu lhe escreva. Li a sua carta. Quando Marit a leu, cuidou que tinha a tratar com o João Hatlen e não com um rapaz educado pelo velho Baard. Foi duro de mais. Entretanto gosto de vel-o tomar a serio o que é serio.

«Quanto ao affecto que Marit lhe dedica, d'elle já não duvido, pois resistiu aos pedidos de João Hatlen, o que lhe enfureceu o avô. Se ella lhe respondeu de feitio que o melindrou, era para se divertir e rir um bocado. Passou por muito aborrecimento esperando aquelle que entre todos escolheu, e agora é o Eyvind que já a não quer e, como rapaz pouco direito, a repelle.

«Aqui esta o que lhe queria dizer. Accrescentarei que o aconselho a fazer pazes com ella, que difficuldades lhes não hão de faltar para que seja preciso pôrem-se de mal. Conheci tres gerações; sei que loucuras são essas e as consequencias que teem.

«Turva-se-me a vista. Encommendo-o aos cuidados d'Aquelle cujo olhar sempre vela e cujo braço não cança.

Baard Anderson.»

«A EYVIND PLADSEN
NA ESCOLA DA AGRICULTURA

«Parece que está zangado comigo. Não é culpa minha; mas bem vejo que não fui para o Eyvind o que deveria ter sido. D'antes tudo aqui corria como era minha vontade e então não era para brincadeiras; mas agora, ninguem se importa comigo e não me sinto feliz. O João Hatlen fez uns versos contra mim; todos os rapazes os cantam e já não me atrevo a ir a um baile. Não mostre a minha carta!

«Sei que já aprendeu muita coisa bonita e poderia dar-me bons conselhos; mas está lá tão longe! Tenho ido muita vez a casa dos seus paes e sou muito valida de sua mãe. Mas não me atrevo a dizer-lhe coisa nenhuma, porque me escreve maldades. O mestre está sempre a fazer troça de mim; não ouviu falar dos versos de João Hatlen, porque ninguem se atreveria a dizer-lh'os. Estou sósinha, sem ninguem com quem possa desabafar. O Eyvind foi sempre tão bom para mim! Levava-me ao seu collo, quando iamos de trenó.

«Se ainda uma vez me quizer responder, dá-me muita alegria.

Marit.»

«Querida Marit, só lhe digo que tanto amor lhe tenho, que nem tenho forças para aqui ficar tão longe. O João Hatlen andou muito mal fazendo os taes versos patifes, porque desde que sei que gosta de mim, Marit, sinto-me com tal força que ninguem me mette medo. Tenho immensa pena de lhe ter mandado uma carta tão dura. O superintendente disse-me que, quando eu terminasse este anno, podia cá ficar ainda mais outro, mas então com toda a minha liberdade e que procuraria ensinar-me mais alguma coisa. Agradeci-lhe muito. Desejo muito tornar a vel-a; mas quanto mais tempo eu aqui estiver, mais direitos terei para pedil-a em casamento Agora sou feliz! Trabalho como quatro. Vou mandar-lhe um livro em que só se fala d'amor; leio-o todas as noites e depois releio a sua carta. Pensa ás vezes no instante em que nos tornaremos a ver? Não penso n'outra coisa. E lá tambem, não é verdade? Que alegria vermo-nos outra vez juntos! Que alegria eu ter trabalhado tanto! Agora posso dizer-lhe tudo o que se tem passado no meu coração.

«Verá no livro que lhe vou mandar quanto os que teem amor um ao outro, podem supportar provas e vencer obstaculos. Estou certo que qualquer de nós antes queria morrer do que renunciar ao outro.

«Seu amigo

Eyvind Pladsen.»

IX

DE VOLTA A CASA

Um domingo de verão, Thorė Pladsen foi remando pela bahia fóra. Ia buscar o filho que voltava da Escola da Agricultura. A mãe, com uma mulher a dias, varria, esfregava, enceravа, enfeitava a casa, tudo para festejar o querido hospede que ia chegar. Tudo reluzia e parecia novo n'aquella casa. Mas sempre a boa velhinha se queixava d'alguma coisa que ainda havia que fazer. Pousavam moscas nos castiçaes de bronze; a poeira maldita lá ia cahir outra vez por toda a parte á medida que a sacudiam. Depois a mãe corria para a janella, abrigava os olhos com a mão, e punha-se a olhar para o longe. Avistar-se-hia algum barco na bahia? Ainda não!... Que demorados que elles eram!... Ouviu passos na

estrada... Era o mestre-escola que a custo vinha descendo pelo monte, apoiado ao bordão.

— Já chegaram? perguntou.

— Não. Tardam tanto!

— Vai o tempo bom para a sega, continuou o velho.

— Mas quente demais para velhos que andam passeando.

O mestre-escola olhou para ella a sorrir-se.

— É de esperar que a gente nova se não queixe do calor e vaia hoje sem se fazer rogada. Por algum sitio se hão de elles encontrar.

— Thore diz que n'esta casa não se hão de elles encontrar antes que o velho lá de riba dê o seu consentimento.

— Bem! Bem!

— Lá vem elles! exclamou a mulher.

Desceu com o mestre até á praia. O barco que transportava os viajantes, deslisava rapidamente sobre as ondas, deixando apoz ellas uma grande toalha de espuma. Pae e filho tinham despido os casacos para remarem com mais força.

— Adeus, mãe!... Adeus, mestre! gritava o Eyvind.

— Que boa voz que elle tem agora! disse a mãe toda radiante.

Eyvind saltou em terra, beijou a mãe, apertou a mão do mestre-escola. Depois, contra o costume dos homens do campo, poz-se a contar com muita volubilidade tudo o que ultimamente lhe aconteceu: o exame, a viagem, o lindo attestado que lhe tinha sido entregue pelo superintendente dos estudos, brilhantes offerecimentos que já lhe tinham sido feitos. Depois perguntou que tal seria a colheita e pela saude dos amigos, e falou de toda a gente excepto d'uma só pessoa.

Foram os quatro subindo até casa, o mestre-escola ao lado do antigo discipulo, acarinhando-o com o olhar; Thore respeitosamente caminhava atraz d'elles. Ao chegarem a casa, Eyvind disse alto quanto o alegrava vel-a tão limpinha e bem arranjada; a fachada estava pintada de fresco, as janellas substituidas por outras maiores, guarnecidas de vidros brancos em vez dos que tinha d'antes, esverdinhados como fundos de garrafas. Pareceu-lhe que o reconheciam todos os moveis e objectos que via. O relogio cacarejava como uma galinha gorda e as poltronas estendiam-lhe os braços.

A mesa estava posta. Folhas frescas e grãos de zimbro estavam espalhados pelo chão como em dia de festa. Todos se sentaram, mas ninguem comeu, porque tudo era falar. Só a mãe é que emmudecia, toda entregue ao prazer de olhar para o filho, tão crescido, forte e sabio; tudo em Eyvind lhe causava admiração, até o fato azul que elle trazia. O pae, pelo contrario, metteu-se como poude na conversação, mas tanto lhe custava acompanhar os outros que suava a bom suar.

— Olha lá, Eyvind, rapaz, acho que fallas depressa de mais!

Todos desataram a rir. Eyvind não se zangou, mas confessou que lhe era impossivel falar mais devagar. Tudo vira, tudo aprendera, trazia a intelligencia e a imaginação tão sobreaquecidas, que sem descanço lhe punham os miolos a ferver. O mestre escola observava-o, entre si perguntando se o rapaz conservaria fielmente a memoria e o coração. Logo viu que Eyvind nada havia esquecido. O excellente moço tinha sempre o espirito presente ás mais pequeninas coisas no meio d'aquellas tagarellices e foi elle quem só se lembrou que com a pressa do desembarcar não haviam amarrado o bote. Correu á praia, voltou, desafivelou a mala e mostrou á mãe o fato, os livros, o relogio e tudo que trazia novo. Sempre fôra rapaz de muita ordem e amigo de aceio. Disse depois que contava ficar em casa para ajudar a segar o feno. E para onde iria depois?... Ver-se-hia, pensaria.

O mestre-escola levantou-se para voltar para casa. Confessou que a alegria de tornar a ver o Eyvind o remoçara dez annos. Thore acompanhou-o. Só com o filho, disse-lhe a mãe:

— Ha uma pessoa que ás nove horas te espera nas ribas.

Eyvind olhou para o relogio... E' que já eram quasi nove horas! Não teve a necessaria paciencia para esperar em casa, e subiu, subiu, até lá acima das ribas, para ver de longe a estrada que descia pelo declive entre os pinhaes. Pareceu-lhe a estrada muito triste, mas o pinhal animava-o uma brisa fresca que murmurava nos ramos. Do outro lado avistou a bahia em que uma grande barca navegava a toda a vela. Olhava para as ondas que tão longe o haviam levado, as mesmas que depois o haviam trazido a casa. O mar estava tranquillo e chão, e as aves maritimas esvoaçavam por cima do espelho limpido, sem um só grito, porque era já tarde. Eyvind desceu alguns passos, sentou-se á beira da matta e, como as arvores se estendiam em frente d'elle, não podendo ver, poz-se á escuta.

Durante muito tempo só ouviu o vôo dos passaros e os pulos dos esquilos saltando de arvore em arvore... depois como um ruge-ruge de saias... Batia-lhe o coração, subiu-lhe o sangue até ás fontes. A moita mais proxima abriu-se em frente d'elle e saltou primeiro o cão do casal de Hesse que precedia a dona.

Mas a maldita moita lembrou-se de, á passagem, se agarrar ás saias de Marit. Ella voltou-se para se desenvencilhar e elle teve toda a occasião para a contemplar antes que ella pudesse dirigir-lhe a palavra.

Marit trazia os cabellos entrançados e levantados sem nenhum enfeite na cabeça descoberta.

Vestia um casaco de panno grosseiro, um collete de mangas curtas, e, ao pescoço, apenas um lencinho branco. Tendo sabido da chegada de Eyvind, correra desde os campos em que andava trabalhando sem mudar coisa alguma ao vestuario. Olhou para o antigo amigo com um olhar perfeitamente sereno e um fino sorriso. Brilhavam-lhe os dentes brancos atravez dos labios frescos e os olhos scintillaram sob os cilios que, pouco a pouco, foram baixando. Ficou-se um instante parada, depois deu um passo para a frente e fez-se muito corada. Eyvind pegou-lhe na mão.

— Obrigada pelas suas cartas, disse-lhe ella muito baixinho.

Depois, criando animo, desatou a rir. Eyvind logo viu que se achava mettido com o mais malicioso demonio da terra; mas estava enamorado. Tambem Marit dão tinha o coração mais livre.

— O que cresceu! murmurou ella.

O que queria dizer: que lindo se fez! Teve medo que elle assim o entendesse e voltou a troçar com elle, para não o envaidecer. Riram outra vez juntos. O cão, sentado á beira do caminho, puzera-se de guarda. Entretanto os dois aborreceram se dos mudos apertos de mão e de gargalhadas que não queriam dizer nada; e mal se puzeram a falar, foi como rio que arrebenta o dique. Nada houve que obstasse á corrente.

— Quando ainda agora a tornei a ver, dizia Eyvind, pareceu-me... não sei como dizel-o... foi como se uma coisa estivesse fechada e de repente se escancarasse... Já vê!

— Quer crer que sei de cór quasi todas as suas cartas?

— Tambem eu sei as suas, mas eram todas tão pequeninas!

— Por muito papel que eu ennegrecesse, estou em crer, Eyvind, que nunca as acharia compridas.

— É depois não havia n'ellas o que eu mais desejava. Por exemplo, nunca me disse como se livrou de João Hatlen.

— Ri-me.

— Que diz?

— Ri-me. Não sabe o que é rir-se a gente? Quer rir comigo?

— Quem tal nunca ouviu! Para uma pessoa se rir é preciso ter de quê.

— Olhe, faça troça do João Hatlen como eu fiz. Eu preciso rir quando estou contente.

— E agora está contente, Marit?

Tornou a pegar nas mãos da pequena, mas o cão poz-se a rosnar e depois erriçou-se-lhe o pêlo. Ladrava com furia olhando para baixo.

Eyvind debruçou-se e viu o pae ao pé das ribas.

— Bem! gritou-lhe Thore, avistando-o. Estás lá em cima; mas parece-me que esse cão damnado não é teu.

— E' um dos cães do Casal de Heide, respondeu Eyvind algum tanto atrapalhado. Tanto ladra comigo como comsigo.

Thore foi se embora a resmungar; não tinha visto Marit.

— D'esta escapámos nós, disse a rapariga. Mas ha outro velho, mais vigilante e desconfiado que seu pae e de que nos devemos arrecear, Eyvind.

— Quer fallar de seu avô, Marit. Fará qualquer coisa por nós?

— Menos que nada.

— E as suas promessas, Marit?

— Hei de cumpril-as.

— Ai, Marit, como é linda!

— Assim é que a raposa falava ao corvo, quando lhe queria apanhar o queijo Quero, por minha vez, dizer-lhe uma coisa, Eyvind.

— O quê, querida Marit?

— E' que o acho feio, muito feio, muito feio...

E ria ás gargalhadas.

— Agora tenho de me ir embora, continuou.

— Eu acompanho-a, Marit...

— Ah! lá isso não! exclamou. Podia o avô apanhar-nos.

E desatou a correr. *(Continua).*

CONEGO JOSÉ NAZARIO PEREIRA

Falleceu na India portugueza, completando a edade de 80 annos, e no uso perfeito das suas faculdades, o sr. conego José Nazario Pereira, deão da sé patriarchal de Gôa, e presidente do respectivo cabido. Este sacerdote, de quem damos a photo-gravura, foi um ornamento do nosso clero no oriente, no qual por muito tempo exerceu util influencia pelo seu bom conselho, como versadissimo nas leis da egreja, e como douto professor.

Iniciando a sua carreira pelas carreiras de rhethorica e de historia no seminario de Rachol, para que fôra escolhido, ainda sacerdote novo, pelo arcebispo de Gôa, D. José Maria da Silva Torres que, em 1848, governava aquella diocese; por 11 annos regeu aquellas duas cadeiras, sendo depois transferido para professor de theologia dogmatica e moral, e de direito canonico, e n'essa situação especialmente mantido pelo arcebispo D. João Chrysostomo d'Amorim Pessoa, quando este reorganisou e levantou notavelmente em 1863 os estudos d'aquelle valioso estabelecimento d'ensino.

Ao par dos serviços de professor, outras commissões exercia tambem cumulativamente o fallecido cathedratico. Sendo já advogado no fôro ecclesiastico antes de ser nomeado para a regencia da cadeira de historia e de rethorica, fôra escolhido depois para os logares de director espiritual do seminario, desembargador da Relação Ecclesiastica, defensor dos matrimonios e depois juiz dos processos de casamentos.

Passando em 1868 para o cabido da sé primacial, foi em seguida nomeado examinador synodal; e desde 1876 entrára a exercer funcções administrativas superiores no governo da diocese, na qualidade de vigario geral e provisor, nomeado pelo arcebispo D. Ayres d'Ornellas. Por varias vezes foi também governador do mesmo arcebispado, e egualmente do cabido, bem assim por muito tempo, na ausencia do arcebispo Ornellas, companheiro constante do então deão da sé, padre Martinho Fernandes, no governo provisorio do patriarchado como membro da junta governativa que aquelle prelado constituira, e da qual o deão Fernandes, como presidente do cabido patriarchal e primeira dignidade depois do prelado na hierarchia ecclesiastica, e o padre José Nazario Pereira, como dignidade immediata no cabido, e como vigario geral e provisor, eram vogaes preponderantes, influencia que lhes dava tambem a sua competencia como clerigos illustrados, sérios e geralmente respeitados n'aquella nossa archidiocese primacial do oriente.

Actualmente já não era vigario geral, mas exercia a presidencia do cabido como deão da sé patriarchal a que fôra elevado em 1893, tendo sido antes d'isto chantre do mesmo cabido, e era juiz apostolico da Secção Pontificia do Recurso, por nomeação do Nuncio Apostolico de Lisboa, de 6 de julho de 1883. Fez ultimamente parte do Concilio Provincial de Gôa reunido pelo actual venerando patriarcha das Indias, o sr. D. Antonio Sebastião Valente, entrando n'esse concilio como procurador do cabido de Gôa, e servindo ahi de juiz synodal do mesmo concilio.

Padre José Nazario Pereira foi notavel e respeitado como administrador e como disciplinador, do que deu exhuberantes provas na direcção espiritual do Real Seminario de Rachol e no governo e administração da diocese. Era um theologo e moralista egualmente distincto, e a sua opinião era ouvida sempre por todos os prelados do seu tempo nos assumptos mais graves da disciplina ecclesiastica e da administração da diocese. Professor illustrado d'entre os mais illustrados, e considerado como tal pelos mais eminentes mestres do seu tempo, quaes foram o padre Miguel Filippe de Quadros, Caetano Vicente Mascarenhas, Constantino Barreto, Nicolau Barreto, Francisco d'Athayde, Cunha Rivara (o insigne homem de letras que foi ali commissario d'estudos), monsenhor Loyola, prelado domestico de S. Santidade, (e abalisado jornalista que a morte roubou cedo á redacção do jornal religioso *O Crente* e ao clero indiano), avultando d'entre os ainda vivos o venerando ex-missionario do padroado e sabio prégador padre mestre David de Souza.—padre J. Nazario Pereira foi auctor de um compendio de direito ecclesiastico portuguez, de que o incumbira o arcebispo Amorim Pessoa, para servir de texto na cadeira de direito canonico. Além da sua variada instrucção que era profunda, tinha especiaes qualidades de educador, e chegou a ver com satisfação discipulos seus occupando posições distinctas na sociedade, d'entre os quaes mencionaremos o fallecido conego Narciso Fialho, clerigo illustrado que foi governador da diocese de Gôa, o actual vigario geral do mesmo arcebispado, e o bispo de Lamego que ainda ha poucos dias acabou de fal-

lecer com geral sentimento dos seus diocesanos e de todo o nosso alto clero.

O padre J. Nazario Pereira foi tambem um distinctissimo orador da tribuna sagrada. A sua qualidade de professor de oratoria por muito tempo o obrigára de certo a aprimorar-se nos seus trabalhos, porque exigia tambem dos seus discipulos a execução de exercicios praticos escriptos e fallados, e foi realmente um prégador primoroso, pronunciando sempre orações trabalhadas a preceito, e brilhantes, que satisfaziam sempre o auditorio mais culto e exigente.

O clero perdeu n'elle um dos seus ornamentos mais distinctos, e a egreja do oriente um servidor devotado e honrado. O illustre fallecido pertencia a uma das familias principaes da provincia, e ao seu illustrado sobrinho, o sr. Antonio Felix Pereira, que desde muito tempo é ali um distincto e honrado funccionario publico, enviamos as nossas condolencias.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Tudo e nada *(Reflexões entre um sabio e duas caveiras) — Versos pelo cantador de Setubal, Antonio Eusebio (Calafate) — Lisboa, 1901.*

Foi este folheto editado, com destino a ser offerecido, pelo amigo do auctor, que em tempo lhe organisou o seu *Livro de Versos*, de que opportunamente démos desenvolvida noticia.

Na apresentação do folheto mostra se que a philosophia da vida no cantador de Setubal não pretende filiar-se em qualquer escola philosophica antiga ou moderna. A interpretação da vida, que se encerra nas doze decimas glosadas, a seguir, é d'elle, sahiu d'elle, da sua observação directa em cerca de 81 annos de edade, e foi gerada no seu cerebro. Como todo o homem de mentalidade acima do commum, formulou o seu juizo sobre o valor que lhe parece ter a existencia humana, quer pelo que é em si, quer pelo que vale no meio social. O que nos diz, pois, elaborou elle no seu cerebro, alheio a concepções philosophicas extranhas.

Já quando, em 10 de julho ultimo, noticiámos o apparecimento do livro de versos do cantador de Setubal, destacámos, surprehendidos pelo seu incontestavel valor, um mote e glosa sobre assumpto parecido, com o dos versos do presente folheto. A nossa admiração agora augmenta e levanos a bemdizer a boa idéa que teve o dedicado amigo do auctor em os mandar imprimir.

Liga naval portugueza — *Congresso maritimo nacional em 1902 — Theses — Porto, 1902.*

N'este folheto, em que se compendiam um grande numero de theses, que devem ser submettidas ao proximo congresso maritimo, por iniciativa da prestimosa Liga Naval Portugueza, incluia-se uma patriotica circular de que recortamos os seguintes periodos assaz elucidativos:

«Querendo orientar a sua acção pelo sentimento do paiz, na cruzada que emprehendeu pelo resurgimento da marinha portugueza, resolveu a Liga confiar a este congresso o delineamento das normas a seguir na execução de tal designio. Além de todos os seus associados e das aggremiações filiadas, todas as individualidades de que possa depender a solução do grave problema, serão convidadas a intervir na discussão; e assim, n'um completo desprendimento das considerações interesseiras da politica interna, os trabalhos do congresso hão de ser da mais alta importancia para os destinos da marinha nacional.

»Graves e importantissimas são as questões de que o congresso tem de occupar-se. Em Portugal, nem sequer existem os fundamentos de uma solida organisação maritima. Escolas, portos, companhias seguradoras e instituições officiaes, tudo é fóra do espirito da época, desigual e apoucado, por não obedecer a uma orientação superiormente definida. Protecção á marinha mercante não a temos, e comtudo ella é indispensavel ao estabelecimento das communicações postaes necessarias á expansão da economia portugueza. E nas questões relativas ás pescarias nacionaes, ainda se revela um atrazo que é devéras lastimavel. N'estes diversos campos, ha muito que remodelar e crear, e o congresso não o saberá esquecer.

«N'esta conformidade, para orientar os trabalhos dos congressistas, se elaboraram as theses juntas.»

Subscreve este documento o digno secretario da commissão executiva, sr. N. Pereira de Mattos.

Notice sur *le procédé de M. Charles Janet pour se rendre insubmersible en mer — Beauvais, 1898.*

Embora publicada ha tres annos só agora nos chegou ás mãos esta memoria do sr. Janet.

Depois de passar summariamente em revista os diversos apparelhos conhecidos e uzados para a salvação em caso de naufragio, taes como cintos e boias de cortiça, o auctor apresenta o seu processo ou «dispositivo muito simples e que qualquer pessoa pode por si propria realisar afim de se não submergir.» Este *dispositivo* consiste em encher d'ar tres ou quatro pequenos balões de caoutchouc, d'esses com que brincam as creanças, e collocal-os por meio de um cordão apropriado á volta da cintura. Em seguida apresenta o inventor todos os calculos elucidativos e comprobativos da resistencia, da tracção, do enchimento dos balões com o ar expirado, etc.

A *noticia* revela estudo sincero das diversas circumstancias que o auctor teve ensejo de apreciar e a louvavel intenção que presidiu ás suas experiencias e investigações.

Em substituição dos balões de borracha, ou *balons rouges*, como lhes chamam em França, nós alvitramos o emprego das bexigas de suino com que tambem os rapazes se divertem por essas ruas.

Rapport *de l'Institut W. Schimmelpfeng — Paris (Montrouge) — 1901.*

Segundo as indicações contidas n'este relatorio o Instituto W. Schimmelpfeng, que se dedica a fornecer esclarecimentos commerciaes em todo o genero aos seus assignantes, conta já 28 succursaes na Europa, prestando valiosos serviços ao commercio e á industria dos respectivos paizes.

Camara dos Senhores Deputados.

Temos presentes duas *separatas* com os discursos proferidos na camara dos senhores deputados pelo sr. dr. Luiz Gonzaga dos Reis Torgal, sobre *Modificação da contribuição sumptuaria*, e os dos *Melhoramentos de Lisboa e Almada*, pronunciados pelos srs. Jayme Arthur da Costa Pinto e canselheiro Manuel Francisco de Vargas, titular da pasta das obras publicas.

O primeiro d'esses discursos foi proferido nas sessões de 12 e 15 de abril ultimo. Ha em tão substanciosas orações muito que apreciar, sendo deveras notavel o bom criterio que sobre o assumpto da contribuição sumptuaria apresenta o illustre deputado. Em verdade a contribuição sumptuaria não se comprehende bem como possa existir n'estes tempos de liberdade de industria, de commercio, e de consvmo. Não se sabe onde começa nem onde acaba o luxo. Das diversas contribuições é esta uma das que menos rende para o thesouro e mais perturba a economia geral do paiz, accroscendo os vexames e as evasivas que lhe coreespondem. Por isso se eliminaram na proposta então a discutir algumas taxas e se suavisaram outras. De tudo se encontra a razão no discurso, que se se ouviu com prazer, agora se lê com utilidade.

Os discursos sobre os *Melhoramentos de Lisboa e Almada* foram pronunciados na sessão de 27 de março de 1901 e agora colligidos por um grupo de eleitores, que assim quizeram tornal-os mais conhecidos.

N'estes discursos está bem patenteado quanto se torna necessario olhar a serio pelos melhoramentos da capital.

CONEGO JOSE NAZARIO PEREIRA

FALLECIDO NA INDIA

Supplemento ao n.º 828 do OCCIDENTE

30 DE DEZEMBRO DE 1901

A adoração dos Santos Reis Magos

Quadro de Lucas Giordano, existente na galeria de pintura Bosch, de Madrid